



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de comemoração dos cinco anos do programa de microcrédito  
rural Agroamigo**

**Fortaleza-CE, 08 de junho de 2010**

Pense num “cabra” esperto. Companheiro Roberto Schmidt, se eu tivesse um nome desses seria presidente do Banco Central americano ou alemão. Vem aqui, olha para o Gilson, do Tesouro, fala do Guido Mantega, fala do Luciano Coutinho e olha para mim e me dá uma facada de 10 bilhões. Imediatamente mandou confeccionar uma plaquinha para mim e eu nem dei o dinheiro ainda.

Eu quero cumprimentar o companheiro Cid Gomes, governador do estado do Ceará, e cumprimentando o Cid Gomes eu quero considerar cumprimentados todos os companheiros e companheiras que estão na chamada tribuna de honra.

E dizer para vocês que é sempre gratificante participar de uma festa de cinco anos de um programa que deu certo, ou que está dando certo e que pode ficar muito melhor se tiver mais o dinheiro que o Schmidt precisa. Se o Schmidt fosse um jogador de bola, ele diria para mim: “Presidente, o banco precisa dar o seu melhor. E o banco dando o seu melhor, precisa de mais R\$ 10 bilhões”.

Bem, um dado importante no discurso do companheiro Roberto Schmidt – eu não sei se todos vocês prestaram atenção – é que quando ele estava elogiando os tomadores de dinheiro do Agroamigo, ele disse que a inadimplência era muito baixa, de apenas 3,3%, porque ainda tem um resíduo de caloteiros contumazes do BNB, de outras épocas. Porque houve um tempo em que neste banco aqui tinha gente que tomava dinheiro emprestado e já ficava a ficha sem assinar no cofre, para dizer: não precisa pagar. Como o pobre só tem como patrimônio a sua honra e o seu nome, em qualquer



circunstância, as camadas mais pobres da população darão menos calote do que as camadas mais poderosas economicamente da Federação. Isso é uma coisa sagrada, vale para o Nordeste, vale para a França, vale para os Estados Unidos, vale para todos os países do mundo: quem lida com a honra e quem lida com o seu patrimônio como nome [quem lida com o seu nome como patrimônio] tem vergonha de dever, ao passo que alguns têm um prazer imenso quando tomam dinheiro emprestado em um banco público, e têm um prazer ainda maior quando não pagam o banco público do nosso país.

Portanto, esse dado seu, Roberto, é muito significativo, ou seja, antes a gente emprestava pouco dinheiro para muitos, e emprestava muito dinheiro para poucos, e a inadimplência era de 37%. Quando você começou a emprestar dinheiro para muitos, você começou a ter uma inadimplência menor. O que é importante é que o Agroamigo, ele vem fluir o crédito para pessoas que jamais tinham pensado, na vida, em entrar num banco ou contrair um empréstimo, por menor que seja, num banco brasileiro.

Eu acho, então, que nós estamos diante de um reconhecimento excepcional, e posso dizer para vocês – porque, possivelmente, seja a última vez que eu venho a um evento no BNB como presidente da República do Brasil –, posso dizer para vocês que não tem nada mais fácil e não tem nada mais barato do que a gente fazer investimento para a parte mais pobre da população brasileira, não tem nada. Eu espero que para o próximo governo, o que aconteceu no BNB, no Basa, no Banco do Brasil, na Caixa Econômica Federal e no BNDES sirva de estímulo para que as pessoas façam infinitamente mais do que nós fizemos nesses oito anos.

Cid Gomes, você, como eu e outros companheiros aqui presentes, muitas vezes fazemos um esforço extraordinário para emprestar 300 milhões, 400 milhões, 1 bilhão, 4 bilhões para um grande empreendimento. Esse grande empreendimento, depois de pronto, ele vai gerar empregos para mil pessoas, para 500 pessoas, para 600 pessoas, dependendo da atividade econômica



[para] que a gente estiver fazendo esse financiamento. Eu acho que nós temos que fazer financiamento para o grande, para o médio, para o pequeno e para o micro [empresário]. Mas pense nessas pessoas que fizeram o uso da palavra e nessas pessoas que receberam, aqui, o seu prêmio. Pense numa pessoa dessas pegando R\$ 1 mil. Significa que com R\$ 100 mil você atende cem pessoas; significa que com R\$ 1 milhão você atende mil pessoas; e vai multiplicando. Imagine o que a gente atende com R\$ 1,3 bilhão: a gente atende, praticamente, 1 milhão de pessoas. Vejam a capacidade produtora, transformadora do que significa a gente criar condições de crédito para os pequenos neste país.

Foi exatamente uma descoberta extraordinária que nós fizemos no Brasil. Quando eu cheguei à Presidência do Brasil, mais precisamente em março de 2003, todo o crédito disponibilizado para o Brasil inteiro era de apenas R\$ 380 bilhões. Nós éramos um país de economia capitalista, sem capital, sem financiamento e sem crédito. Nem socialismo e nem capitalismo dará certo se você não tiver uma política de financiamento do setor produtivo. Hoje, somente o Banco do Brasil tem toda a quantidade de crédito que o Brasil inteiro tinha em 2003, e o Brasil inteiro chegou, este mês, a quase R\$ 1,5 trilhão de crédito disponibilizado para o desenvolvimento do país.

Isso que o Roberto Smith disse aqui, que nós saímos de escassos R\$ 262 milhões emprestados pelo BNB, em 2002, para R\$ 22 bilhões, em 2010 – de 260 milhões para 22 bilhões –, é o que aconteceu na Caixa Econômica Federal; é o que aconteceu no Banco do Brasil; é o que aconteceu no BNDES, que emprestava, quando muito, 40 bilhões, e no ano passado emprestou R\$ 139 bilhões; e é o que vai acontecer no BNB, porque eu acho que você vai ter os seus 10 bilhões para poder fazer as coisas. Eu estou falando já olhando para a cara do Gilson, que comece a trabalhar, porque eu acho que é um feito inusitado, Gilson: o crédito está crescendo no Nordeste. Está crescendo para os grandes empreendimentos, está crescendo para os médios



empreendimentos, está crescendo na indústria, está crescendo na agricultura, está crescendo na construção civil e, graças a Deus, está crescendo também para o pequeno e o micro empresários, e [para] o pequeno e o micro produtores agrícolas deste país.

Se a gente continuar nesse ritmo, a gente pode, nos próximos dez anos, passar pelo Nordeste e perceber que aconteceu aqui no Nordeste uma revolução que ainda não estava contada nos livros de história. Imaginem o que vai acontecer no estado do Ceará. Além de receber a Copa do Mundo em 2014, investimento de aproximadamente 623 milhões para todo o conjunto da Copa, e depois [para] o estádio, uns 400 milhões... Agora que o Ceará está cheio de trique-trique, com o Ceará em primeiro lugar no Brasileirão, estão todos “cheios”, todos pensando que vão derrotar o Coringão no dia 14... O Ronaldão está vindo para cá supimpa, mais leve que uma pena, mais ágil que uma águia, e com uma sede de gol para vazar essa defesa do Ceará, que ainda não foi vazada. Mas como eu também tenho uma quedinha para que o Nordeste, no esporte, cresça mais, eu chego quase a torcer [para] que dê um 0X0 aqui, que ninguém ganhe de ninguém, porque nós todos somos filhos de Deus e, portanto, precisamos estar bem.

Mas o Ceará está recebendo, do PAC... até o dia 31 de dezembro, todos os investimentos públicos e privados neste estado chegam a quase R\$ 23 bilhões. Se a gente pegar o que vai acontecer de 2014 para a frente, já está no PAC 2 uma previsão de mais R\$ 26 bilhões, se não me falha a memória, para o PAC 2. Serão R\$ 46 bilhões no PAC, para o estado do Ceará. Muitas coisas já aconteceram, muitas coisas estão para acontecer. Eu queria até pedir aos cearenses que quando tiverem um tempo de folga deem uma visita nas obras de construção do Canal do São Francisco, uma obra que Dom Pedro queria fazer, em 1847, e não permitiram que ele fizesse, e que nós vamos fazer para poder garantir água potável para 12 milhões de pessoas que moram na parte mais seca do Nordeste, e para suprir uma deficiência histórica de água em



Fortaleza, porque você tem o arco rodoviário no Rio de Janeiro, você tem o anel rodoviário em São Paulo, e aqui vai ser um arco de água, porque nós vamos fazer... tem um projeto, nós já concordamos com o projeto, e vamos fazer praticamente um arco de água em toda a cidade de Fortaleza. É cinturão, cinturão de água, para que nenhum cearense nunca mais se queixe de falta d'água nesta cidade ou neste estado. E é uma obra, é uma obra que está andando muito rapidamente. E é uma obra... Tem nove mil pessoas trabalhando hoje, tem nove mil pessoas trabalhando hoje, e nós pretendemos ver se é possível inaugurar uma primeira parte ainda este ano. Mas se não der, eu irei de xereta na inauguração, no ano seguinte.

Uma coisa que o Cid vai comigo, vai ser no dia 28, se não me falha a memória, acho que é 28 ou 21, não sei, em Salgueiro, onde a gente vai dar ordem de serviço para vários trechos da Transnordestina, de... que vai pegar... Vocês sabem que Transnordestina vai ligar Suape a Pecém, e vai ligar Missão Velha a Suape, aqui, vai vir o trecho, e Eliseu Martins, no Piauí, também, ou seja, esta obra, esta obra tem uma história que um dia vai ser contada num livro. Muita gente participou desta obra, e o companheiro Ciro Gomes foi o companheiro que fez a engenharia financeira, o BNDES participou muito, o ministro Guido Mantega participou muito, os governadores participaram de forma extraordinária. Só eu, pessoalmente, já fiz 30 reuniões dessa obra e, cada vez que a gente faz uma reunião, tem um problema. Primeiro, é o problema natural de projeto, ou seja, depois do projeto aprovado, constatou-se que o projeto era, tornava a ferrovia economicamente inviável, teve que se refazer o projeto, porque o dinheiro financiado para o primeiro projeto não daria para terminar o projeto da ferrovia, teve que ser feito o projeto pela empresa dona da ferrovia. Depois, tinha problema, também, sempre, entre BNB e BNDES e o dinheiro do Finor, estava sempre um querendo ficar com um dinheiro no bolso, sentado em cima, e a coisa não ia. Depois que tudo resolvia, tinha o problema do Ibama estadual, do Ibama nacional, que exigia isso e



exigia aquilo. Depois que tudo estava pronto, entrava o Ministério Público e encontrava isso, encontrava aquilo. Quando tudo estava resolvido, entrava o Tribunal de Contas da União e dizia que tinha que fazer isso e fazer aquilo. Quando tudo parecia que estava pronto, as desapropriações, que parecia que estavam prontas, não estavam prontas, quando estavam prontas no Ceará não estavam em Pernambuco, quando estavam em Pernambuco não estavam no Piauí, e quando parecia que estavam prontas em todo lugar, não estavam prontas em nenhum lugar ainda. E quando tudo andava, que a gente fazia licitação, uma empresa que perdia entrava com processo, e a Justiça parava a obra até ser resolvido... Meu caro doutor Presidente do Tribunal de Justiça: Ah, se Vossa Excelência fosse presidente da República ou governador do estado! Para fazer uma obra neste país está difícil! E pior é que a culpa não é de ninguém, a culpa não é de ninguém. A culpa é de todos nós, porque durante 25 anos o Brasil não pôde fazer obras porque a gente teve que ficar pagando a dívida externa.

De 1975... o Geisel entrou, em [19]79 o Geisel saiu. O Geisel foi o último presidente a fazer investimento neste país. Então, [durante] 25 anos a gente estava acabando com a Engenharia no país. Engenheiro se formava, mas não ia trabalhar de [como] engenheiro. Ele ia trabalhar de [como] analista financeiro no sistema financeiro brasileiro. A gente não tinha mais pedreiro, a gente não tinha mais azulejista, a gente não tinha mais armador. O Brasil estava despreparado para uma fase de crescimento, que nós retomamos a partir de 2003.

Pois bem, a culpa não é de ninguém porque somos nós, os deputados, os senadores, que vamos fazendo lei, e lei, e lei, e lei. Uma lei vai atropelando a outra e vai atropelando a outra, e quando a gente pensa em xingar alguém, a gente xinga a gente mesmo porque é a gente que faz as leis, e vai criando dificuldades. Você tinha um exército de execução falido, mal remunerado e desmotivado, e você tinha uma baita de uma máquina de fiscalização bem



remunerada. É só ver quanto ganha um engenheiro no Tribunal de Contas e ver quanto ganha um engenheiro numa obra aqui no estado do Ceará. Um engenheiro de 30 anos deve ganhar R\$ 3 [mil], 4 mil, e um menino de 22 anos deve ganhar R\$ 19 mil no Tribunal de Contas.

Então, a máquina de fiscalização está poderosa e a máquina de execução está amarrada e amordaçada por todas as teias de aranha que nós criamos neste país. Esse é um dado concreto e objetivo, e digo isso com o conhecimento de quem trabalha 24 horas por dia para tentar desenterrar as obras deste país. Quando a gente pensa que está tudo pronto, a gente visita uma obra, a oposição fala: “É política, não pode visitar”. Só eles que podem visitar o que não está feito. O que está feito eles não querem que a gente visite. Bem, não tem problema.

O dado concreto é que nós temos, aqui no Ceará, ainda um porto, que eu espero... um estaleiro, que eu espero que seja feito aqui – Deus abençoe que seja feito aqui, porque este estado não pode prescindir de um estaleiro –, e temos ainda a refinaria, a refinaria de 300 mil barris/dia. Para os cearenses que pensam que eu coloco muita coisa em Pernambuco e nada no Ceará, a refinaria daqui é de 300 mil barris, e a de Pernambuco é de apenas 200 mil barris. Portanto, a refinaria daqui é muito maior. Será um investimento de R\$ 22 bilhões. Agora, por que nós não começamos ainda a terraplanagem? Já era para ter começado. Não começamos porque se levantou o problema da existência de uma comunidade indígena no local. A Funai tem que pedir um estudo antropológico, depois o Ministério Público pede mais não sei o quê, e está numa fase de conversação com o governador, para ver se a gente, ainda este ano, começa a terraplanagem. E falo isso à vontade porque a Petrobras – o Miguel sabe disso –, se dependesse da Petrobras, a Petrobras não tinha interesse de fazer refinaria, porque ela acha que as que tem já estão prontas. Mas a gente acha que não é só a Petrobras que decide, é o interesse nacional,





e nós precisamos exportar derivados de petróleo e não petróleo agora, com a descoberta do pré-sal.

Essa é uma coisa extraordinária, além da siderúrgica, que já começou a terraplanagem, ou seja, não é pouca coisa, porque atrás da siderúrgica deve vir mais um polo industrial, atrás da siderúrgica deve vir um polo petroquímico... da refinaria, um polo petroquímico. E, junto com a ferrovia, cearense para cá, cearense para lá, carga para cá, carga para lá, o Porto de Pecém funcionando às mil maravilhas, além do Programa Minha Casa, Minha Vida. Quantas casas tem o Ceará? Quarenta e uma mil casas para o Ceará. Esse baixinho vai ter que trabalhar muito para fazer todas as casas que o povo precisa.

Então, eu penso que nós vivemos um momento de ouro neste país. Eu acabo de receber uma informação aqui, de que o PIB deste primeiro trimestre foi de 2,7%, ou seja, anualizado dá um PIB de 9%, o que é um crescimento exuberante. Acho que o Brasil merecia e precisava disso.

Vocês viram que eu fui esculhambado quando eu disse que a crise seria só uma marolinha aqui no Brasil, e alguns diziam que o Brasil ia afundar. O Brasil foi o último a entrar na crise, o primeiro a sair da crise. O Nordeste brasileiro, as classes D e E estão consumindo mais do que as classes A e B de São Paulo ou do Rio de Janeiro, numa demonstração de que o Nordeste aos poucos vai constituindo a sua cidadania, recuperando a sua dignidade e vai dizendo ao mundo: “Nós não queremos ser mais exportadores de pedreiro, nós queremos ser exportadores de engenheiros, de médicos, de dentistas, de inteligência do Nordeste brasileiro”.

Bem, e tudo isso é resultado de uma política pensada e planejada para tentar envolver todos os brasileiros. Você veja, quando a nossa companheira que fez uso da palavra, que saiu, aqui, agora, a nossa companheira que fez o acordo, que disse que pegou três créditos... Já está dando entrevista ali, já ficou chique. Logo, logo, está sendo contratada para fazer novela. Bem, vocês vejam, vocês vejam o seguinte: há algum tempo se pensava que uma pessoa





como essa não sabia falar. E vejam o que essa mulher fez com três empréstimos, imagina a hora que o Roberto Schmidt baixar um pouquinho o juro e emprestar um pouquinho mais, imagina o que vai crescer essa companheira, esses companheiros e outros companheiros que estão aqui, porque o que o povo precisa é apenas de oportunidade, é apenas que o governo dê atenção a eles.

Eu pedi para fazer uma coisa aqui, só para dar um número para vocês, para vocês perceberem o processo de transformação que está acontecendo no país. O crédito consignado foi resultado de uma discussão entre o governo e o movimento sindical. O crédito consignado, hoje, tem R\$ 120 bilhões na mão do povo pobre deste país, trabalhador, aposentado, que vai ao banco, pega seus R\$ 1.000,00, seus R\$ 1.500,00. Um dia, vieram falar para mim: “Ô, Presidente, precisa tomar cuidado com o crédito consignado porque tem avô que está tomando dinheiro emprestado para dar para o neto gastar”. Ora, meu Deus do céu, eu lá vou me preocupar que um avô está dando dinheiro para o neto? O cara que vem fazer a queixa não sabe o que significa um neto com avô, ou seja, quando a gente é pai, a gente é ríspido, duro, na educação do filho, quando a gente é avô, a gente fica meio besta. Se o avô puder emprestar dinheiro para o neto, ótimo. Só espero que o neto também seja inadimplente com ele, ou melhor, adimplente, adimplente.

Bem, mas, de qualquer forma, nós fizemos um programa que é um orgulho meu - além do Agroamigo, além do Crédito Amigo [Crediamigo], além do DRS, do Banco do Brasil -, que é o programa Luz para Todos. Aqui no Ceará deve ter tido 140 mil ligações, 150 mil ligações. É porque quando a gente pensou... é que quando a gente universalizou aqui, em 2009, a gente descobriu mais um pouco de gente espalhada, porque vai aparecendo mais gente. Mas, vejam uma coisa, guardem esse número que eu vou dar para vocês, aí, que é o seguinte. Pensem numa coisa: vocês sabem quanto nós já colocamos de fios neste país, esses cabos? Um milhão e cem mil quilômetros



de cabos. Essa quantidade de quilômetros de cabos daria para enrolar o planeta Terra 27 vezes. É tudo que nós já colocamos de fios no programa Luz para Todos. O programa Luz para Todos já gerou 351 mil empregos. Já colocamos 5 milhões e 860 mil postes, e 863 mil transformadores, uma parte deles fabricada aqui no estado do Ceará.

O programa Luz para Todos, ele é importante porque nós utilizamos a mão de obra local, tanto na construção de postes... Agora descobrimos mais uma: um poste de madeira pesa 390 quilos. Então, para levantar um poste de madeira, precisa [de] dez homens, 12 homens, 15 homens. Um poste de cimento custa... pesa 1 tonelada, precisa de 40 homens para levantar. Nós, agora, estamos colocando lã de vidro... postes de lã de vidro na Amazônia. Pesa só 130 quilos. Eu e você, Cid, sozinhos, se tomarmos umas canas, a gente pode tomar e levantar aquele poste... Obviamente que com capacete, para não cair na cabeça da gente... Esse programa Luz para Todos, o programa de crédito consignado, o programa Agroamigo, o programa DRS, o programa Minha Casa, Minha Vida são... o Bolsa Família, para não falar... os CRAS, são programas de inclusão social que mostram o resultado: 31 milhões de pessoas saíram das classes D e E para ir para a classe C, e 20 milhões de pessoas deixaram a extrema pobreza. Isso, em apenas, oito anos. Na verdade, não foram nem oito anos – o primeiro ano, vocês sabem que a gente perde –, praticamente em sete anos. Nós introduzimos a maior classe média que o Brasil já teve: mais de 50% dos brasileiros, hoje, estão na classe média. Então, as pessoas estranham: é mulher pobre indo ao cabeleireiro, fazendo treque-treque, fazendo manchas, fazendo arrepiado, fazendo o que quiser, o que ela achar mais bonito... mecha, fazendo mecha. É pintando unha de pé, é pintando unha de mão, é pintando os lábios. Todos os sábados ela vai para o cabeleireiro e volta chique, o marido fica com ciúmes. Vocês viram que aquela mulher para quem eu entreguei o cheque, aqui, e a primeira coisa que eu fiz foi um tchau? Era para o marido dela, lá atrás! Eu vou saber se o bicho é brabo e



está aí me esperando? Eu falei: deixa logo eu cumprimentar ele aqui, para ele saber que eu sou de paz.

Então, companheiros e companheiras, eu participo deste programa aqui com a convicção e com a consciência de que... Houve um tempo que diziam que era muito difícil governar este país. Tinha gente que sofria, tinha gente que dizia “esqueçam de mim”, tinha gente... Eu, sinceramente, não vou dizer para vocês que é fácil governar o Brasil, mas que é gostoso fazer as coisas em que a gente acredita darem certo, é!

Vocês... Vocês imaginam... Quem governou antes de mim deve ter um pouco de mágoa, e eu compreendo, porque este país já teve advogado, médico, dentista, engenheiro, gente que falava uma quantidade de línguas... Ele falava tanto, que tinha hora em que ele nem sabia qual falava, nem ele se entendia, porque a língua trombava, assim, no espelho. Eu saí de Caetés, sem diploma universitário, ganho a Presidência da República, e já sou o presidente que mais fez universidades no Brasil, que mais colocou alunos na escola, que mais fez escolas técnicas.

Quando nós chegamos ao governo, a Olimpíada de Matemática tinha 274 mil alunos das escolas privadas, e o Ceará era um dos estados que mais tinha alunos na Olimpíada de Matemática. Em 2004, eu propus fazer a Olimpíada de Matemática nas escolas públicas. Sabem o que me disseram? “Ô Lula, criança de escola pública não participa, Lula. Eles não têm motivação”. Vamos fazer! Começamos a fazer em 2005. Primeiro, se inscreveram 10 milhões, depois 13 [milhões], depois 14 [milhões], depois 17 [milhões], 19 [milhões], e este ano já se inscreveram mais de 20 milhões, é a maior Olimpíada de Matemática do mundo. Isso porque as pessoas não acreditavam que era possível fazer. Nós, agora... Espero que o senador Inácio Arruda, que é relator, faça aprovar, o mais rápido possível a Universidade Afro-Brasileira, na cidade de Redenção, uma universidade que é uma forma de a gente trazer uma universidade a mais para o Ceará, é a forma de a gente pagar um pouco a



dívida que a gente tem, histórica, com o povo africano, e nós não vamos pagar em dinheiro, nós vamos pagar devolvendo para eles... Se eles trabalharam tanto, aqui, para a gente ser o que é hoje, a gente vai fazer uma universidade que tem metade de africanos e metade de brasileiros, na cidade de Redenção, aqui no Ceará, que é onde começou o primeiro movimento pela libertação dos escravos deste país. Então, eu vou fazer um apelo para o Inácio: converse com os senadores, meu filho, mesmo com aqueles, mesmo com aqueles que não gostam de nós. Converse com eles e fale para eles que o Lula quer lançar a pedra fundamental, com o Cid, antes de deixar a Presidência, rapaz! Faça isso por mim, Inácio! Você que é um guerreiro da nossa turma, faça isso! Convença os nossos adversários: “Vamos lá, é bom”. Uma universidade a mais para o Ceará é tudo o que o Ceará quer.

Então, eu... Caro Roberto, eu estou feliz, querido, feliz. Feliz, porque eu vou sair daqui agora com o Cid, e nós vamos ali na aula inaugural do ProJovem. São, acho que 25 mil alunos de todo o estado, que estão estudando. É um programa em que a gente recupera jovens de 17 a 24 anos, jovens que tinha parado de estudar. A gente está dando uma ajuda de R\$ 100 para ele voltar a estudar, e ele aprende... termina o ensino fundamental e ele aprende uma profissão. Aqui no Ceará são 25 mil jovens. Hoje, nós vamos fazer uma aula inaugural para uma penca de milhares de jovens. E, depois, nós vamos inaugurar uma outra coisa aqui, no Ceará, o banco de cordão umbilical e placenta, ou seja, célula-tronco, porque antigamente era coisa só de país rico e só do Sul do país, agora está no Nordeste e, no Nordeste, em Fortaleza, ou seja, porque eu acho que é a forma de a gente agradecer ao povo nordestino, que tanto trabalha, que tanto se dedica e que, muitas vezes, não recebe de volta aquilo que ele trabalhou.

Então, eu quero primeiro agradecer aos nossos queridos acionistas do BNB, tomadores de empréstimo do BNB, a razão de ser do BNB. Quero agradecer a todos vocês que vieram aqui, que têm alguma coisa a ver com o



BNB, não sei se todos esses de camisa verde já pegaram um dinheirinho do BNB ou todos aqueles de camisa branca. Mas, de qualquer forma, eu quero dizer para vocês: vai melhorar. Quanto mais, “mió” [melhor], e nós aprendemos a gostar, o povo nordestino está aprendendo a gostar de coisa boa, ele percebeu que ele tem direito, ele percebeu que ele pode ter acesso às coisas que antes apareciam só na televisão, na novela das oito, na novela das nove, na novela das sete, na novela das seis, na Malhação, não sei das quantas, ou seja, porque todo mundo quer a mesma coisa aqui, sempre, não é? Quem tem TV a cabo vê coisa pior ainda.

Então, eu acho que o Nordeste, a autoestima está alta, o orgulho está alto. E eu posso dizer para vocês: não tem mais retorno. Neste país, dentro de 15 ou 20 anos, a gente vai ter o Brasil mais socialmente justo, mais igual, do Oiapoque ao Chuí, passando pelo nosso querido Nordeste.

Por isso, Roberto, parabéns pelo sucesso do Programa Agroamigo. Espero que logo, logo, a nossa querida Petrobras venha, com a sua empresa de biodiesel, fazer novos investimentos, plantar mais mamona, girassol, dendê, pinhão manso, e gerar mais empregos. Está produzindo a fábrica de Quixadá, Hilário? Está produzindo, mas está com soja, não é? Está com soja, muita soja, precisa mamoma, mamona, pinhão manso, dendê, caroço de algodão e qualquer outra coisa que gere mais emprego, para a gente ter carro, aí, tocado a óleo diesel.

Eu fui, agora, ao Rio de Janeiro, andei num Mercedes-Benz com biodiesel feito de álcool, de cana-de-açúcar. Então, o Brasil está na moda. Vamos ser campeões do mundo, vamos ser campeões do mundo, todos estaremos torcendo para o Brasil. Eu irei à África do Sul, representar vocês todos, no dia 11. Lamentavelmente... É verdade, eu vou no dia 11, vou estar lá, e vou olhar para vocês e fazer assim para vocês: Tchau... Se perder, eu me escondo, se ganhar eu estou lá. Não, mas eu vou, porque o Brasil vai ser a próxima Copa do Mundo e eu tenho que sair de lá com a chave da Copa do



Mundo.

Gente, que Deus abençoe vocês. Roberto, parabéns a você, à diretoria do banco, aos funcionários do banco, e parabéns a todos os agricultores que acreditaram neste banco. E parabéns aos premiados, não sei porque vocês foram premiados mas, de qualquer forma, até eu ganhei uma placa. Isso está mais ou menos como o Prêmio Nobel do Obama: ganhei sem saber por que ganhei mas, de qualquer forma, ganhei. Isso é uma coisa extraordinária.

Obrigado, gente. Que Deus nos abençoe.

(\$211A)